

Representações sociais da violência escolar na expressão de jovens estudantes

Social representations of school violence according to the expressions of young students

Representaciones sociales de la violencia escolar en la expresión de jóvenes estudiantes

Marta Cocco da Costa¹, Ethel Bastos da Silva², Alice do Carmo Jahn³,
Indiara Sartori Dalmolin⁴, Mileni dos Santos⁵, Cristiane Moraes da Silva⁶

RESUMO

Neste estudo objetivou-se analisar as representações sociais da violência escolar na expressão de jovens estudantes de escolas públicas de uma cidade do noroeste do estado do Rio Grande do Sul. Trata-se de estudo qualitativo, de caráter descritivo e compreensivo das Representações Sociais, realizado em duas escolas públicas, em agosto de 2010, com treze jovens de 16 a 18 anos de idade, sendo nove do sexo feminino e quatro do sexo masculino. Utilizou-se a técnica projetiva para a coleta de dados que fora, analisados à luz do referencial teórico das representações sociais. Os achados do estudo revelaram quatro núcleos de sentido, figurativos e simbólicos: condutas antissociais; exclusão entre colegas; autoritarismo dos professores; e contexto social e familiar. O estudo mostra a necessidade de trabalho intersetorial, articulação em redes de serviços e elaboração de políticas públicas que norteiem ações complementares e de enfrentamento dessa problemática.

Descritores: Violência; Saúde Escolar; Enfermagem.

ABSTRACT

The objective of this study was to analyze the social representations of school violence according to young students attending public schools in a city located in Northwest Rio Grande do Sul. This qualitative, descriptive and comprehensive study of social representations was performed in two public schools in August of 2010, with thirteen youths between 16 and 18 years of age, including nine girls and four boys. Data was collected using the projective technique and was then analyzed under the theoretical framework of social representations. The study findings revealed four figurative and symbolic meaning units: antisocial behaviors; exclusion among peers; teachers' authoritarianism; and social and family context. The study reveals the need for intersectoral work, the connection of service networks, and the creation of public policies to guide the complementary and coping actions regarding this issue.

Descriptors: Violence; School Health; Nursing.

RESUMEN

Se objetivó analizar las representaciones sociales de violencia escolar en la expresión de jóvenes estudiantes de escuelas públicas de una ciudad del noroeste de Rio Grande do Sul. Estudio cualitativo, descriptivo y comprensivo de las Representaciones Sociales, realizado en dos escuelas públicas en agosto 2010, con trece jóvenes de 16 a 18 años de edad, nueve de sexo femenino y cuatro de sexo masculino. Datos recolectados mediante técnica proyectiva, analizándose los mismos según el referencial teórico de las representaciones sociales. Los hallazgos del estudio revelan cuatro núcleos de sentido, núcleos figurativos y simbólicos: conductas antisociales; exclusión entre compañeros; autoritarismo de los profesores y contexto social y familiar. El estudio muestra la necesidad de un trabajo intersectorial, la articulación en redes de servicios y la elaboración de políticas públicas que orienten acciones complementarias y de enfrentamiento de la problemática.

Descritores: Violencia; Salud Escolar; Enfermería.

¹ Enfermeira, Doutora em Enfermagem. Professora Adjunta do Departamento de Ciências da Saúde da Universidade Federal de Santa Maria - CESNORS (Campus Palmeira das Missões) – UFSM/CESNORS. Palmeira das Missões, RS, Brasil. E-mail: marta.c.c@ufsm.br.

² Enfermeira, Doutora em Enfermagem. Professora Assistente do Departamento de Ciências da UFSM/CESNORS. Palmeira das Missões, RS, Brasil. E-mail: ethelbastos@hotmail.com.

³ Enfermeira, Doutora em Enfermagem. Professora Assistente do Departamento de Ciências da UFSM/CESNORS. Palmeira das Missões, RS, Brasil. E-mail: jahnalice@gmail.com.

⁴ Acadêmica do curso de graduação em Enfermagem da UFSM/CESNORS. Palmeira das Missões, RS, Brasil. E-mail: indi2007dalmolin@hotmail.com.

⁵ Acadêmica do curso de graduação em Enfermagem da UFSM/CESNORS. Palmeira das Missões, RS, Brasil. E-mail: milenidosantos@hotmail.com.

⁶ Enfermeira. Palmeira das Missões, RS, Brasil. E-mail: cristianemoraesdasilva@yahoo.com.br.

INTRODUÇÃO

A escola constitui-se em valor na sociedade atual a partir do papel que desempenha, considerando-se a necessidade da educação formal na socialização dos indivíduos e sua integração nas formas de subsistência. No entanto, esse espaço reflete o sistema excludente e a reprodução das desigualdades sociais no momento em que não se configura em espaço de oportunidades e garantias universais e, muitas vezes, sendo gerador de violência⁽¹⁾.

Em decorrência, no cenário de debates no Brasil⁽²⁾, o tema violência nas escolas surgiu a partir da década de 1980 e buscou ampliar suas conceituações⁽²⁻³⁾. Nesse sentido, observa-se uma evolução da concepção do que se entende por violência na escola. No início, os estudos mostravam a violência como questão de disciplina⁽³⁾, porém, aos poucos, essa teoria foi substituída por delinquência juvenil e comportamento antissocial. Atualmente, a violência escolar é entendida como um problema complexo em que estão contidas situações de exclusão social, sugerindo a necessidade de análises que ultrapassem as concepções iniciais centradas apenas nas transgressões praticadas por jovens⁽³⁾.

Diante da complexidade da problemática violência escolar, neste estudo opta-se em conceituá-la em três dimensões: a *"violência na escola"*, *"violência da escola"* e *"violência à escola"*. A violência à escola é descrita como atos contra a escola incluindo atitudes como insultos ou agressão. A violência na escola é aquela que ocorre no espaço escolar e a violência da escola (institucional, simbólica), se manifesta na forma como os jovens são tratados pela instituição⁽⁴⁾.

A complexidade, as múltiplas faces e as causas da violência na escola, portanto, impõem um grande desafio àqueles que desejam compreendê-la e combatê-la a partir de um olhar transdisciplinar que integre a ação de vários atores sociais, além dos responsáveis diretos pelo gerenciamento desse espaço.

Em relação à problemática da violência escolar, constata-se⁽²⁻³⁾ que, atualmente, a escola passa a não ser mais considerada espaço de segurança e lugar de integração social e de produção do conhecimento e cidadania, isto porque, muitas vezes, gera sentimentos de insegurança e medo entre seus frequentadores: alunos, professores, pais, técnicos e comunidade⁽³⁾. Por isso, os estudos⁽⁵⁻⁷⁾ realizados focando os alunos como

sujeitos têm revelado a violência como advinda dos desequilíbrios familiares, da ausência de afeto e da falta de limites entre os membros familiares. Os alunos identificam a violência verbal e psicológica na família e na escola - lutas de poder e de status, tendo o dinheiro como instrumento.

Observa-se, também, que as pesquisas realizadas^(5,7) sobre o tema sugerem que a violência emerge como episódios nas experiências de vida presentes no cotidiano da escola. A convivência dos adolescentes com essa realidade é traduzida pelas palavras no discurso sobre eventos de violência física: uso de armas, influência de gangues e drogas, falta de segurança e atuações policiais violentas.

Em pesquisa realizada em escolas públicas na cidade de São Gonçalo⁽⁸⁾, no Rio de Janeiro, os autores identificaram que os estudantes (adolescentes) que sofriam violência física severa de pai ou mãe, testemunhavam ou vivenciavam violência sexual na família e relatavam sofrer violência psicológica de pessoas importantes em suas vidas, mais frequentemente eram vítimas de violência na comunidade e na escola. Em geral, eles possuíam representação positiva de si próprios, embora mencionassem atributos negativos com maior frequência. A representação social predominantemente positiva entre jovens precisa ser estimulada nas atividades de promoção à saúde. A constatação de que os índices de violência estão associados às várias esferas de atuação dos adolescentes indica que a solução do problema depende de estratégias que englobem todas elas⁽⁸⁾.

Conhecer, portanto, de que modo os jovens representam a violência escolar no seu cotidiano, fornecerá elementos do significado e das implicações que os sujeitos atribuem a essa problemática, propiciando a compreensão da forma como o grupo social estudado organiza as suas experiências no que concerne à aceitação ou à rejeição dos atos agressivos. Além disso, o conhecimento gerado nesse estudo potencializará o desenvolvimento de estratégias promocionais e de educação em saúde que favoreçam o processo educativo para prevenção e promoção da saúde individual e coletiva.

Ao se ensinar a compreensão da violência escolar urge conhecer o espaço escolar desses jovens e

apreender as representações desse fenômeno. Neste caso específico, a pesquisa teve como objetivo analisar as representações sociais da violência escolar na expressão de jovens estudantes de escolas públicas de uma cidade do noroeste do estado do Rio Grande do Sul. Considera-se que as representações têm, por principal finalidade, tornar familiar algo não familiar, ou a própria não familiaridade, e, para tanto, utiliza dois mecanismos: a ancoragem e a objetivação que atuam, tendo, por base, a memória. Esses mecanismos serão utilizados neste estudo a fim de apreender o modo com que o social transforma um conhecimento em representação e como essa representação transforma o social, e compreender a articulação entre a atividade cognitiva e as condições sociais em que são construídas as representações⁽⁹⁾.

METODOLOGIA

Trata-se de um estudo qualitativo, de caráter descritivo e compreensivo, fundamentado nas Representações Sociais⁽¹⁰⁾. A pesquisa qualitativa busca compreender o significado e a intenção inerente aos atos, às relações, e às estruturas sociais⁽¹¹⁾.

A Teoria das Representações Sociais auxilia o desvelamento dos significados da violência escolar, porque estes refletem o modo com que os indivíduos, os grupos, os sujeitos sociais constroem seu conhecimento a partir de sua inscrição social, cultural, entre outros. Também expressam a maneira com que a sociedade se dá a conhecer e constrói esse conhecimento com os indivíduos⁽¹²⁾. Nessa perspectiva, a noção de Representações Sociais tem buscado contribuir, enquanto conjunto teórico-metodológico, para o entendimento de como os grupos se apropriam e reconstituem seu mundo subjetivo nas relações sociais. Entende-se que essa abordagem possibilita a compreensão do objeto de pesquisa de forma mais ampla, ajudando a transpor o campo da análise individual para o campo social⁽¹³⁾.

O estudo foi desenvolvido em duas escolas públicas estaduais do município de Palmeira das Missões-RS, nos meses de julho e agosto de 2010. A participação dos jovens ocorreu a partir dos seguintes critérios de inclusão: abarcar ambos os sexos, ter de 16 a 18 anos, estar cursando a 2ª série do Ensino Médio, estando presentes no dia da coleta de dados. Incluiu-se, como critério de exclusão, a não autorização do responsável

legal pelo jovem. Os sujeitos da pesquisa, totalizando 13 adolescentes, são identificados no texto com a letra J seguida do número conforme a ordem da entrevista.

Neste estudo, utilizaram-se, como técnica de coleta de dados, técnicas projetivas (objetivação e ancoragem)⁽⁹⁾. Com as técnicas projetivas, organizaram-se oficinas de colagem em que os sujeitos expressaram seus pensamentos e sentidos sobre a violência escolar, permitindo a objetivação. Para a ancoragem, solicitou-se que os jovens adolescentes expressassem verbalmente seus conhecimentos a respeito do fenômeno. A ancoragem se constitui na relação cognitiva do objeto representado a um modelo de pensamento social preexistente e nas modificações provocadas. Esta técnica é responsável pela solidificação das ideias, assim, ancoragem é a categorização e a qualificação⁽¹⁰⁾. As oficinas tiveram duração de uma hora e meia, foram gravadas em MP3 e as observações registradas em diário de campo.

Os dados foram analisados à luz do referencial teórico das Representações Sociais, seguindo os seguintes passos metodológicos⁽¹⁰⁾: *1º momento - objetivação*: mediante processo de tornar real algo pensado, através da colagem, chegou-se ao processo de formação dos *núcleos figurativos*, correspondentes aos temas que possuem a propriedade de serem representados e que expressam a concretude da ideia; *2º momento - ancoragem*: corresponde à interpretação dos participantes sobre o material produzido nas colagens, atribuindo um significado à imagem por eles produzida. Nesse momento, colheram-se as simbolizações e percepções a partir dos relatos verbais sobre os conhecimentos a respeito do fenômeno; em sequência, foram identificados os temas que representam esse conhecimento, constituindo-se os *núcleos simbólicos*; *3º momento - validação* pelos participantes das configurações dadas pelo pesquisador à representação social da violência escolar, confirmando ou não a identificação de núcleos dessa representação. Embora previsto, esse momento não pôde ser realizado pela dificuldade de reunir os jovens; *4º momento - sistematizaram-se as informações*, agrupando os temas de destaque em núcleos figurativos e núcleos simbólicos. Posteriormente, à luz do referencial teórico, estabeleceu-se a ancoragem sobre a representação social dos jovens sobre a violência escolar. A análise

resultou em quatro núcleos de sentido, que compreendem os núcleos figurativos e simbólicos: *as condutas antissociais; a exclusão entre colegas; o autoritarismo dos professores e o contexto social e familiar.*

O projeto foi aprovado pelo Comitê de Ética da UFSM com o protocolo número 0132.0.243.000-10, sendo, portanto, em seu desenvolvimento, respeitadas todas as recomendações da Resolução 196/96 do Conselho Nacional de Saúde.

APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Condutas antissociais

O primeiro núcleo de sentido identificado neste estudo representa a violência escolar ancorada na conduta antissocial, revelada pelas seguintes palavras: *agressão física, agressão verbal, confronto, ameaças e vandalismos.* As palavras *agressão física, agressão verbal, confronto e ameaças* estão relacionadas à “violência na escola” e a palavra *vandalismo*, à “violência à escola”. Seguem algumas falas que expressam esses achados.

Hoje em dia as pessoas brigam muito por pouca coisa, se machucam, se ofendem e a violência é isso. (J8)

Uma coisa ruim, que acontece que brigam por qualquer coisa. E a gente, por exemplo, só por um esbarrão. A gente escuta, a gente mesmo pratica, e física existe brigas, isto é até uma coisa mais normal, que começa dentro da escola. (J1)

As falas revelam a representação da violência na sua dimensão física e verbal, e como forma de resolver situações conflituosas entre os colegas. Observa-se que as “brigas” são consideradas acontecimentos corriqueiros, mostrando certa banalização e naturalização da violência e sua legitimação como mecanismo de resolução de conflitos.

Estudo realizado com alunos das séries finais do ensino fundamental e com o ensino médio, das escolas públicas do Distrito Federal, a agressão parece integrar o cotidiano das escolas, sendo desencadeada por diversos motivos - provocações, rivalidades entre grupos, brincadeiras inapropriadas, entre outros. Esse tipo de violência acaba causando medo, insegurança, humilhação e se torna comum no ambiente escolar⁽¹⁴⁾.

Essas evidências mostram que os sujeitos, nesse caso, os jovens, representam a violência como “algo que acaba acontecendo”, um fenômeno corriqueiro desencadeado por motivos banais. A partir dessas representações, identifica-se um processo de “naturalização” e “banalização” da violência, observando-se que a violência é uma forma de resolver conflitos que acaba sendo legitimada na perspectiva desses jovens. Pode-se dizer, então, que esse fenômeno não está presente somente no seu cotidiano, mas é reconhecido como legítimo, em alguns casos. Entretanto, salienta-se que isso não significa ausência de concepções diversas à noção de violência.

Nos elementos representacionais dos jovens, em muitos momentos eles enfatizaram que os atos violentos são resultantes das relações de poder entre colegas, do nervosismo, do impulso e da dificuldade em dialogar.

Aqui na escola aconteceu esses dias, umas guria elas se pegaram no laço por causa de pouca coisa, briga entre namorados de fora da escola, uma não tinha nada que vê. (J8)

Nós tava jogando bola como sempre, daí como sempre tem uns que se acham. Como é normal daí o cara ir lá, faz a falta, daí deu briga. (J7)

Observa-se, nas narrativas, que os jovens representam os motivos geradores da violência, os quais, muitas vezes, poderiam ser resolvidos por meio do diálogo. No entanto, o que se evidencia são formas instituídas de socialização entre os jovens, em que a relação de poder dimensiona-se na procura de uma identidade social, na busca de um lugar ou de uma posição frente aos demais colegas.

Nessa direção, cita-se estudo realizado em escola básica municipal, na cidade de Blumenau, que mostrou manifestações agressivas por parte das crianças no intervalo das aulas, tanto físicas (empurrões, tapas) quanto verbais (xingamentos, palavras grosseiras). O agressor demonstra uma postura de liderança e segurança, e a vítima parece estar quase sempre na defensiva, sujeita aos maus tratos de quem está agredindo. Mostram-se, aí, as manifestações de agressividades relacionadas às relações de poder, em que os alunos maiores dominam certos espaços em detrimento dos menores⁽¹⁵⁾.

Os jovens também relataram que muitos não demonstram zelo pelos cômodos e pertences da escola; ao contrário, depredam o material que está à disposição para o fortalecimento do aprendizado, o que revela violência à escola.

Os alunos chegam na sala de aula com raiva. Já chegam chutando as mesas e as cadeiras. (J2)

[...] tacaram fogo nas cortinas. Tacaram fogo numa classe uma vez lá no saguão. (J3)

Constata-se que a raiva, a insatisfação, o desgosto, a frustração por necessidades não atendidas, a intolerância à espera e a dificuldade de aceitar o “não” em resposta, são motivos geradores de conflitos entre jovens e se expressam em atitudes agressivas contra o patrimônio escolar. Isso revela que muitos jovens não conseguem controlar a raiva e a expressam em atitudes violentas, normalmente geradas por conflitos e divergências. Esse tipo de comportamento vivenciado em família e na sociedade pode contribuir para que crianças e adolescentes o reproduzam no espaço escolar, sem que consigam aprender a transformá-lo. O diálogo, a escuta e a boa comunicação são o caminho para a solução dos conflitos e devem ser exercidos nos espaços familiares, escolares, comunidades e sociedade com auxílio daqueles que veem o problema e desejam evitá-lo⁽¹⁶⁾.

As atitudes expressas nas falas acima, podem ser decorrentes de desconforto pessoal (individual) do aluno ou até do próprio ambiente escolar. A descrença no funcionamento do sistema de segurança e de punição dentro e fora da escola pode ser fator predisponente para atitudes de vandalismo. Além disso, a falta de incentivo por parte da comunidade escolar (professores e agentes escolares) para a manutenção da ordem também pode influenciar o comportamento dos jovens em relação ao cuidado e à conservação dos materiais e prédio escolar⁽¹⁷⁾.

A partir dos elementos representacionais descritos, evidencia-se a necessidade de reinserir e reforçar o diálogo no espaço escolar entre alunos e a comunidade, procurando-se construir um comportamento baseado no respeito ao outro e ao ambiente, o que poderá contribuir para a construção da cidadania e da reorganização da

escola como ambiente gerador de aprendizagem e conhecimento.

A exclusão entre colegas

O segundo núcleo de sentido, refere-se aos elementos representacionais que focalizam a violência na exclusão entre colegas, expressos pelos jovens nas seguintes palavras: “isolamento, exclusão, nerds, fuga, gangs e competitividade”, transcritas nas falas a seguir.

Elas [as pessoas], se isolam. Buscam uma fuga e se refugiam na internet”. (J4)

Muitas vezes nas escolas tem gangues, grupinhos, e praticam violência contra as pessoas tipo os nerds. (J6)

Os elementos representacionais revelam que a exclusão e o isolamento podem ser evidenciados pelas diferenças existentes entre os colegas, que não são reconhecidas e compreendidas por eles como integrantes de um contexto social desigual, em que as manifestações se expressam por meio de atitudes violentas. Há indicações de que os alunos que sofrem discriminação reagem tanto com retraimento quanto com agressividade⁽¹⁷⁾.

A formação de gangs, citada pelos jovens, reforça a necessidade de reconhecimento por parte de um grupo social, pois os jovens não encontram reconhecimento e proteção na família e na sociedade. O grupo os faz sentirem-se sujeitos de suas próprias vidas, sentem-se valorizados entre eles, mesmo que seja impondo medo e força nas ruas. Essa é uma forma que os jovens encontram de reagir diante da violência gerada pela sociedade⁽¹⁸⁾.

As gangues são reconhecidas pelos jovens como espaços em que seus integrantes se protegem, se ajudam e brigam uns pelos outros, e o agrupamento se inicia de forma espontânea, pelo desejo comum e pelas formas de manifestação dos jovens. As ações das gangues evoluem para roubos e assaltos. Esse grupo, conhecido como uma família de rua, se estrutura para obter amparo, proteção e apoio que lhe são negados, muitas vezes pela família⁽¹⁹⁾.

Neste estudo, alguns entrevistados, quando expressaram a palavra gangues, revelaram o medo da violência gerada por elas e, por isso, utilizam estratégias para se protegerem, ficando em casa e evitando reunir-

se com amigos em lugares públicos. Há jovens que fazem parte das gangues e que também temem as outras gangues, e nesse caso, tomam cuidado - sair em grupo, nunca sozinhos⁽¹⁹⁾.

Na escola, há uma divisão social de classe dos jovens em que se encontram os normais, os populares e os excluídos. Os populares são aqueles que contêm algumas características peculiares - liderar, lançar moda, inventar comportamentos e expor-se. Têm facilidade de relacionar-se e são sempre convidados para festas. Os excluídos, também conhecidos como nerds, ficam sozinhos durante o recreio ou na companhia de poucos amigos. Podem também se isolar na biblioteca para ler e navegar na internet. São tímidos, solitários, têm dificuldade de interação com os colegas; na maioria das vezes não namoraram e não são convidados para as festas⁽²⁰⁾.

Os jovens tendem a reproduzir os valores dos adultos, em que se incluem as relações de poder e se destacam os bonitos, ricos e os socialmente habilidosos. As relações de poder e de exclusão social presentes na escola acabam tornando-a um lugar menos prazeroso para os jovens excluídos que sofrem de humilhação e a da condição de menos valia. As relações existentes entre os grupos populares e dos nerds no ambiente escolar levam a atitudes discriminatórias, de segregação e humilhação, revelando a violência vivenciada por quem a pratica e por quem a sofre⁽²⁰⁾.

Frente aos achados, salienta-se que a escola precisa reconhecer o caráter autoritário dos jovens estudantes capazes de praticar atitudes violentas, para atuar de maneira a prevenir novos atos violentos e não levar à naturalização do evento como pertencente ao momento da adolescência. A adolescência é um momento vivido com características de formação de grupo e de poder, mas que necessariamente deve ser conduzida de maneira respeitosa, ética e humana⁽²⁰⁾.

O autoritarismo dos professores

No terceiro núcleo de sentido, as representações dos jovens direcionam-se à violência da escola, pois se referem à forma como a instituição conduz suas ações junto aos alunos e estão expressas nas seguintes palavras: "*opressão, falta de respeito, tratamento pejorativo e humilhação do aluno*". As diferenças entre professores e alunos invariavelmente decorrem de

transgressões de normas de convivência: conversas durante uma aula expositiva e discussões relacionadas a notas e entre os alunos⁽⁵⁾.

Os jovens representam o autoritarismo dos professores como forma de violência, pois os mesmos humilham e oprimem os alunos, como se mostra nas falas a seguir.

Pode acontecer na escola. Professores ou direção querem oprimir os alunos, tirando a liberdade, impondo as opiniões, não querendo ouvir os alunos. (J5)

[...] a direção oprimindo os alunos. Aluno brigando com aluno ou mesmo aluno, brigando com professor. Professor humilhando os alunos, já aconteceu muito isso. (J6)

As falas representam que a relação entre professor e aluno nem sempre é boa, por falta de compreensão e respeito, e ainda prevalece relação de poder dos professores sobre os alunos. Assim, destaca-se que esse autoritarismo pode dificultar e retardar o desenvolvimento da autonomia dos jovens, pois, além de prejudicar a sua criatividade, essas condutas subestimam a própria capacidade de reflexão crítica, fundamental para a construção moral dos jovens.

É necessário refletir sobre por que, em alguns casos, os professores agem de maneira tão autoritária com os alunos. Esse tipo de comportamento reforça a presença da violência institucional representada pela escola. O autoritarismo presente nas relações entre professores e alunos pode ser considerado uma forma de igualar o processo de aprendizagem, sem considerar as diferenças existentes entre cada aluno, comprometendo um dos aspectos relacionados à identidade da escola: ser espaço de reconhecimento da diversidade⁽¹⁷⁾.

A relação entre alunos e professores na escola precisa basear-se na atenção, diálogo e incentivo aos estudos, sendo de responsabilidade do professor a condução da relação. Os alunos relatam que parte dos professores segue essa proposta, despertando o interesse deles no aprendizado e criticam aqueles que se detêm unicamente no conteúdo sem interesse em interagir com o grupo. A falta de interesse e de comunicação dos professores com os alunos pode gerar frustração e baixa autoestima nos alunos. Por outro lado, os professores também se sentem desconfortáveis quando alguns alunos lhes faltam com o respeito⁽¹⁷⁾.

Assim, pensa-se que compreender o jovem no seu tempo e espaço histórico é fundamental para que se possa construir uma relação dialógica que reconheça as potencialidades, e se possa incentivar o uso da criatividade e energia para a produção do aprendizado e de um comportamento respeitoso e responsável. É nessa perspectiva que os professores precisam encaminhar o processo ensino-aprendizagem. Talvez, assim, promova-se uma aproximação do jovem com a família, e da família com a escola.

O contexto social e familiar

O quarto e último núcleo de sentido revela os elementos representacionais direcionados ao contexto social e familiar dos jovens, os quais relatam as seguintes palavras: “*drogas, conflitos de gangs, uso de armas, pobreza, desigualdades sociais e estrutura familiar*”.

As condições sociais e econômicas das famílias e comunidades estão relacionadas ao surgimento da violência. As dificuldades financeiras e de acesso à educação, saúde, segurança e proteção são fatores geradores de violência e, muitas vezes, potencializam-na⁽²⁰⁾. Jovens pertencentes a grupos populares pobres urbanos no Brasil estão mais vulneráveis a situações de violência, isto porque a desigualdade social, as precárias condições de moradia, as características da formação familiar em um contexto de trabalho incerto e a falta de interações sociais saudáveis acabam tornando-os frágeis para enfrentar as adversidades de seus contextos de vida⁽²¹⁾.

Essas condições estão inscritas na sociedade, e a escola faz parte da sociedade, portanto não se pode dissociar a violência gerada pelas condições sociais da sociedade e da escola⁽²⁰⁾. Os jovens acabam vivendo nessa sociedade com seus direitos fundamentais violados, sem direito à educação, saúde, lazer, família, cultura e esporte e, conseqüentemente, representam o imaginário social de vítimas e vitimizadores⁽²¹⁾. Além disso, a fragilidade das relações intrafamiliares, do papel materno e dos valores agregados aos relacionamentos afetivos que permeiam essas relações são fatores que, associados, acabam propiciando novas configurações de relações entre os jovens, incluindo-se a violência. No entanto, a percepção dos jovens escolares sobre a violência pode variar, uns percebem a violência muito próxima de si, reconhecendo que ela acontece no espaço

escolar; outros não conseguem identificá-la em seu contexto de vida e relatam o que acontece em outras comunidades, distantes da sua⁽⁵⁾.

Nesse sentido, a forma como os jovens vivem a violência em seus lares e em seu contexto social pode gerar a naturalização e a adoção de atitudes violentas em seus relacionamentos. Eles adquirem a violência como conduta e como valor de vida, sem questionar e, conseqüentemente, reproduzem-na em outros espaços⁽²²⁻²³⁾. Neste estudo, observou-se que os jovens reconhecem que a violência que ocorre em casa, muitas vezes é reproduzida na escola.

Que nem dizem: ele tem problemas em casa e vem descontar num lugar público”. (J9)

Corroborando essa fala, em um estudo realizado em São Paulo observou-se que jovens que viviam situação de violência na família e na convivência com pessoas próximas e conhecidas tendiam a promover episódios de violência na escola⁽²²⁾. Jovens oriundos de famílias cuja violência está presente tendem a repetir esse comportamento ou então procurar apoio para enfrentá-las. Aqueles que tendem a repeti-lo o fazem em suas relações sócio-afetivas entre amigos(as) e namorados(as) na vida privada e nos espaços sociais onde se inclui a escola.

Foi citada, também, nas falas, a representação da violência ancorada nas questões relacionadas às drogas dentro e fora do espaço escolar. Estudo realizado nas capitais brasileiras constatou o tráfico próximo e dentro das escolas, com a participação de vendedores ambulantes e até de alunos para a venda e distribuição de drogas⁽¹⁷⁾. Nesse aspecto, vender a droga para um jovem significa a possibilidade de obter bens desejados, mas que a família não pode dar, como também usar pode levar à escravidão, à venda de seus próprios bens e ao roubo, situação que pode levar à prisão ou à morte⁽¹⁹⁾.

Jovens que vivem nas periferias das cidades se vêm em uma posição secundária na sociedade, pois possuem menos acesso a condições de estudo, trabalho e aquisição de bens. Por serem pobres, sentem-se desrespeitados e inferiores quando se comparam a jovens que moram em bairros mais abastados, com famílias que têm recursos. Essa percepção que têm de si mesmos acaba gerando sentimentos de impotência,

revolta e ódio⁽¹⁹⁾. “O sentimento de humilhação, de perseguição, faz com que, ao menos no discurso, os jovens estejam sempre prontos a revidar o que sofrem, por meio de roubos, assaltos, violências físicas e agressões verbais”⁽¹⁹⁾.

Nesse aspecto, emerge a violência presente entre os jovens da escola e os jovens do contexto em que vivem, o que reflete disputa de poder, ou seja, forma pactuada de resolver as relações tensas pela agressão nos limites da escola, despertando a necessidade de intervenção dos professores, dos líderes comunitários, da família e dos próprios jovens escolares.

[...] uma vez que um menino fora da escola, não estuda aqui, mora aqui perto, ele chegou até o portão da escola, né, no final da aula, e tava saindo um colega do primeiro ano aqui, aluno novo até, tava saindo do pátio da escola, e ele deu um soco no rosto dele, até saiu sangue assim, salto os óculos dele na minha frente assim. Tava fora da escola, mas só que foi no portão da escola. (J5)

Frente aos achados, evidencia-se que as situações de violência que antes estavam restritas ao espaço privado estão se tornando públicas e fazendo parte da vida da comunidade e das instituições que nela se inserem. Dessa forma, os jovens estão expostos a essa convivência sem desejar e, muitas vezes, ficam vulneráveis a possíveis reações do agressor. Se ficam omissos compactuam e reiteram esse tipo de comportamento; se agem podem ser vítimas do agressor, portanto, ficam em uma situação difícil. Esse tipo de vivência poderia ser mais explorado nas escolas em programas de orientação para a promoção de condutas de enfrentamento da violência circunscrita na sociedade, comunidade e escola.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estudo apresenta uma situação local, porém, os resultados obtidos corroboram os principais estudos regionais e de grandes centros já realizados, apontando os elementos representacionais da violência na construção dos núcleos simbólicos e figurativos, entre os quais citam-se: ações contra o patrimônio, formas de agressão interpessoal, principalmente entre os próprios alunos, e de violência de professores contra alunos. Nesse sentido, estudos como este têm gerado a

proposição de ações de extensão locais, aproximando escola e serviços de saúde do problema violência e dando início a ações com potencial transformador, resgatando, assim, a constituição do espaço escolar como locus seguro e agradável para a aprendizagem.

As representações sociais de jovens escolares sobre a violência trazem dimensões históricas, sociais e culturais. Aspectos que permeiam atitudes violentas no espaço escolar confirmam a raiz da violência como problema social que precisa ser reconhecido em todos os espaços que constituem a sociedade. Suas representações denunciam o individualismo, a competitividade, a exclusão, a humilhação, a desigualdade social e o despreparo da escola como condições a serem superadas. Nesse aspecto, o trabalho intersetorial e a articulação em redes de serviços têm sido incentivados por meio da elaboração de políticas que norteiam ações complementares e de enfrentamento.

Entre as esferas de atuação, o setor saúde tem se destacado como uma das portas de entrada das vítimas de violência, em especial aquelas que causam lesões graves e fatais decorrentes de brigas, roubos, obtenção de drogas e outros, atuando diretamente no tratamento e cuidado. No entanto, esse setor preocupa-se também com outras formas de atuação para o enfrentamento dessa problemática que visem ao reconhecimento precoce de situações de violência e promovam intervenções de proteção, promoção e prevenção. Sabe-se que os serviços de saúde da atenção básica têm sido reorganizados pela Estratégia de Saúde da Família (ESF), em que um dos objetivos é aproximar o profissional de saúde da família e comunidade, levando em consideração o espaço social e as condições de vida das populações. A interlocução existente entre profissionais de saúde, usuários dos serviços e de outros setores da comunidade, entre os quais a escola, possibilita a realização de um trabalho articulado em que todos podem se envolver e sentir-se parte integrante e responsável pela elaboração de ações que busquem a qualidade de vida e proteção dos direitos dos jovens.

A escola, a família e o setor saúde precisam de esclarecimentos quanto ao processo da violência e seus determinantes, sobretudo porque suas causas estão nas relações sociais de poder, gênero e desigualdade que permeiam o cotidiano de vida das populações. Situar a

violência nesse espaço por meio das representações sociais de jovens e incentivar a responsabilização dos atores envolvidos na vida deles por ações que assegurem os direitos de proteção, poderão garantir-lhes vivenciar a

adolescência de forma saudável e possibilitar a estruturação de um projeto de vida em uma sociedade com menos exclusão material e simbólica, e, conseqüentemente, menos violenta.

REFERÊNCIAS

1. Cocco M, Lopes MJM. Violência entre jovens: dinâmicas sociais e situações de vulnerabilidade. *Rev Gaúcha Enferm.*, Porto Alegre (RS) 2010;31(1):151-9.
2. Abramovay M et al. Revelando tramas, descobrindo segredos: violência e convivência nas escolas. Rede de Informação Tecnológica Latino-americana - RITLA, Secretaria de Estado de Educação do Distrito Federal – SEEDF. Brasília, 2009. p. 469-495.
3. Abramovay M. Enfrentando as violências nas escolas: um informe do Brasil. *In: Violência na escola: América Latina e Caribe*. Brasília: UNESCO (Org.), 2003.
4. Charlot B. A Violência na escola: como os sociólogos franceses abordam essa questão. *Sociologias*. Porto Alegre. 2002;(4):432-43.
5. Guimarães SP, Campos PHF. Norma Social Violenta: Um Estudo da Representação Social da Violência em Adolescentes. *Psicol. Reflex. Crit.* [Internet]. 2007;20(2):188-196.
6. Malta DC et al. Vivência de violência entre escolares brasileiros: resultados da Pesquisa Nacional de Saúde do Escolar (PeNSE). *Ciência & Saúde Coletiva*, Rio de Janeiro. 2010; 15(Supl. 2):3053-3063.
7. Mendes CS. Prevenção da violência escolar: avaliação de um programa de intervenção. *Rev Esc Enferm USP* 2011;45(3):581-8
8. Assis SG, Avanci JQ, Santos NC, Malaquias JV, Oliveira RVC. Violência e representação social na adolescência no Brasil. *Rev Panam Salud Publica*. 2004;16(1):43-51.
9. Moscovici S. Representações sociais: investigação em psicologia social. Petrópolis: Vozes; 2003.
10. Padilha MICS. Representações sociais: aspectos teórico-metodológicos. Passo Fundo (RS): Universidade de Passo Fundo; 2001.
11. Minayo MCS. O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde. 8 ed. São Paulo: Hucitec; 2007.
12. Arruda A. Teoria das representações sociais e teorias de gênero. *Cadernos de Pesquisa*. 2002;117: 127-147.
13. Sá CP. Núcleo central das Representações Sociais. Petrópolis: Vozes, 2002.
14. Mesquita CMS, Marques IM, Silva NMA. Silenciamentos e agressões na escola: um estudo em representações sociais sobre violência escolar. IX Congresso Nacional de Educação. III Encontro Sul Brasileiro de Psicopedagogia. 2009 PUC. p 1137-11148.
15. Brasil. Ministério da Saúde. Linha de cuidado para a atenção integral à saúde de crianças, adolescentes e suas famílias em situação de violências: orientação para gestores e profissionais de saúde. Brasília; 2010.
16. Abramovay M, Rua MG. Violências nas escolas. Brasília: UNESCO (Org.); 2002.
17. Arpini MD. Violência e exclusão: adolescência em grupos populares. SP: EDUSC; 2003.
18. Andrade CC. Entre gangues e galera: juventude, violência e sociabilidade na periferia do Distrito Federal. Tese de Doutorado do Departamento de Antropologia do Instituto de Ciências Sociais. Universidade de Brasília, 2007.
19. Caldas RFL. A escola na mídia: sobre "populares" e "nerds" *Psicologia USP*, 2006, 17(1), 75-85.
20. Eyng A M, Gisi ML, Ens RT. Violência nas Escolas e Representações Sociais: um diálogo necessário no cotidiano escolar. *Rev Diálogo Educ*. Curitiba. 2009;9(28):476-480.
21. Lopes RE, Adorno RCF, Malfitano APS, Takeiti BA, Silva PLO. Juventude Pobre, 20-Violência e Cidadania. *Saúde Soc*. 2008;17(3):63-76.
22. Tortorelli MFP, Carreiro LRR, Araújo MV. Correlações entre a percepção da violência familiar e o relato de violência na escola

entre alunos da cidade de São Paulo. *Psicologia: Teoria e Prática*. 2010;12(1):32-42.

23. Carlos DM, Ferriani MGC, Silva MAI, Arone KMB. A reintegração de crianças e adolescentes institucionalizados vítimas de violência doméstica no espaço escolar. *Revista Eletrônica de Enfermagem* [Internet]. 2008;10(2):310-320. Available from: <http://www.fen.ufg.br/revista/v10/n2/v10n2a03.htm>.

Artigo recebido em 18/01/2011.

Aprovado para publicação em 17/04/2012.

Artigo publicado em 30/09/2012.